

# AS PREMISSAS DO SISTEMA ÉTICO-FILOSÓFICO DE MAX SCHELER

Tiago de Fraga Gomes<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Max Scheler elabora uma ética material axiológica de cunho emocionalista que se contrapõe a uma ética puramente formal, deontológica e racional ao estilo de Kant. O que a ética de Scheler busca é uma objetividade moral que emerge da materialidade da vida via percepção emocional. Assim como todo conhecimento científico, também a ética precisa partir da experiência fenomenológica para se sistematizar. A gnosiologia de Scheler tem por base as intuições emocionais fenomenológicas da pessoa. A percepção afetiva emocional dá acesso aos valores de modo imediato e intuitivo. Para Scheler, a pessoa humana é a referência básica que fundamenta todos os atos concretos e intuitivos essencialmente diversos, pois só a pessoa pode “agir intencionalmente” para “atuar”, e assim, conhecer os valores intuitivamente. Os valores não são meras abstrações formais, mas são realidades que aparecem fenomenologicamente na concretude do cosmos, numa ordenação hierarquicamente objetiva e eterna. Quem conhece e vive os valores é a pessoa. Scheler vê a pessoa não como uma cumpridora de deveres formais, mas como protagonista na percepção e vivência dos valores éticos.

**Palavras-chave:** Ética Material; Ética Formal; Valores; Fenomenologia da Percepção; Emocionalismo Ético.

---

## 1 Alguns Pressupostos da Ética Material dos Valores de Max Scheler em sua Contraposição com a Ética Formal Kantiana

O presente artigo que visa apresentar algumas das premissas em que se baseia o sistema ético-filosófico de Max Scheler é o primeiro de uma trilogia a respeito da ética scheleriana. Nos próximos dois artigos pretendemos apresentar a ética material dos valores de Scheler comparando-a com a ética cristã como está exposta no Evangelho, assim como perceber o caráter religioso dos valores éticos no sistema da

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia, área de concentração em Teologia Sistemática, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, graduado em Filosofia e em Teologia pela mesma Universidade.

ética material dos valores de Scheler.

Max Scheler tem o intuito de elaborar um sistema próprio dos “valores materiais”. Na obra *formalismo na ética e a ética material dos valores*, Scheler constrói o seu sistema partindo de uma análise crítica da ética kantiana, sendo que sua obra não é apenas uma crítica a Kant. Scheler quer elaborar um sistema ético próprio dos valores materiais, distanciando-se dos fundamentos da ética kantiana da forma pura para basear-se na matéria ética. Para Kant, a lei como um dever moral, como uma forma de agir, constitui a condição da moralidade. A pura razão prática estabelece por si mesma a direção da vontade. O valor moral do ato não vem do objeto, ou de nenhum bem ou fim que o ato possa tender. O valor moral não provém de nenhuma matéria ou de nenhum valor material, isso, para Scheler, conduziria a um eudemonismo prático. Na perspectiva de Kant, o ato ético limita-se a cumprir o dever porque é o dever, o que é o mesmo que cumprir tão somente a lei. Qualquer outra atitude à margem desse único sentimento de respeito pela lei é segundo Kant não ético. Ao contrário da atitude kantiana, Scheler vai basear o seu sistema na matéria ética. Por isso revela uma fundamental tendência objetiva, pois a origem do valor ético deve ser procurada no objeto.

De acordo com as premissas do sistema scheleriano, tal objeto é precisamente o “valor material”, que em nosso trabalho chamaremos sempre “valor objetivo” ou, simplesmente, “valor”. Afastando-se o mais possível das posições éticas adotadas por Kant, Scheler procura excluir de seu sistema – ou, pelo menos, reduzir ao mínimo – a importância do dever e recuperar, em compensação, para a vida moral do homem a esfera emocional. Deste modo, e em contraposição à ética kantiana da forma pura, desenvolve o sistema ético dos valores objetivos. (WOJTYLA, 1993, p. 14).

Todo conhecimento científico baseia-se na experiência, por isso, a ética também deve basear-se na experiência. Mas a ética, diferentemente das ciências exatas, não se usa da indução. O método empírico-indutivo é impraticável na ética, pois a ética

trata do que é bom ou mau do próprio bem ou mal moral como tal. Não podemos obter indutivamente o bem ou mal a partir dos dados empíricos, eles devem dar-se *a priori*. Esse apriorismo não está além da experiência em geral, mas além da experiência que constitui o dado de partida das ciências exatas. Scheler opõe-se a todo apriorismo em sentido kantiano. O *a priori* formal subjetivo concebido por Kant em sua ética, é para Scheler uma simples construção formal. O objetivo da ética não são os fatos formais, mas sim, os materiais. Não são as construções subjetivas, mas sim, os valores objetivos. Os valores para Scheler são objeto da experiência.

Contra o formalismo kantiano – em definitivo *subjetivo* – a fenomenologia contemporânea redescobre o caráter intencional da consciência com a polaridade simultânea de *sujeito* e *objeto* no plano do *conhecimento especulativo* ou de apreensão [...] do valor [...] no plano do conhecimento prático, separando o *valor* do *bem*, se detêm no *puro valor* com precedência do *bem real* – a *axiologia* de Scheler [...] Os valores são essências transcendentais absolutas, alógicas e, como tais, apreendidas não por via intelectual, mas sim irracional, na intencionalidade dos sentimentos espirituais, é dizer, da pessoa. Os valores *não são*, simplesmente *valem*; estão destituídos de consistência ontológica, porém transcendem a pura subjetividade e são independentes do sentimento que os apreende e se impõem ao sujeito de um modo universal e absoluto e, em tal sentido, são transcendentais à pessoa. Precisamente porque não são, certamente que unicamente valem, não cobram consistência nem valem certamente nas categorias emotivas do espírito ou da pessoa. Somente na pessoa os valores *valem* e manifestam sua consistência transcendente à mesma<sup>2</sup>. (DERISI, 1963, p. 155-156).

---

<sup>2</sup> “Contra el formalismo kantiano – en definitiva *subjetivo* – la fenomenología contemporánea redescubre el carácter intencional de la conciencia con la polaridad simultánea de *sujeito* y *objeto* en el plano del *conocimiento especulativo* o de *aprehensión* [...] del valor [...] en el plano del conocimiento practico, escindiendo el *valor* del *bien*, se detiene en el

É o que podemos chamar de experiência fenomenológica, que vem do fato de que os valores, objeto de tal experiência, manifestam-se no conteúdo da vida emocional humana. Os valores são a origem daquelas experiências emotivas constatadas por via experimental. Através da análise do ato humano, Scheler o demonstra, uma vez que as fases particulares do ato se distinguem por sua orientação para o valor objetivo. O valor dá a esses atos a sua singularidade. O valor encontrado nesta experiência tem como objeto as fases do ato humano, que Scheler diz serem: a disposição, a intenção, a decisão, e por fim, a própria atividade.

A experiência emocional não deve ser separada do seu conteúdo, o valor, que constitui o elemento fundamental das experiências emocionais humanas. A experiência fenomenológica nos permite captar o próprio valor de maneira imediata e intuitiva, proporcionando assim, um *a priori* objetivo. Objetivo em relação ao conteúdo da intuição, e *a priori* em relação ao caráter imediato e intuitivo da consciência. Scheler rompe assim, com as premissas epistemológicas de Kant<sup>3</sup>. Quando Scheler fala sobre a reabilitação da virtude no

---

*puro valor* con prescindencia del *bien real* – la *axiologia* de Scheler [...] Los valores son esencias transcendentales absolutas, alógicas y, como tales, aprehendidas no por via intelectual sino irracional, en la intencionalidad de los sentimientos espirituales, es decir, de la persona. Los valores *no son*, simplemente *valen*; están destituidos de consistencia ontológica, pero trascienden la pura subjetividad y son independientes del sentimiento que los aprehende y se imponen al sujeto de un modo universal y absoluto y, en tal sentido, son transcendentales a la persona. Precisamente porque no son, sino que únicamente valen, no cobran consistencia ni valen sino en las categorías emotivas del espíritu o de la persona. Sólo en la persona los valores *valen* y manifiestan su consistencia transcendente a la misma” (A tradução é nossa).

<sup>3</sup> Scheler é um emocionalista, sua ética é a ética da emoção. Marilena Chauí usa o termo “emotivismo ético” para designar esse elemento emocional na concepção da ética. “O racionalismo ético não é a única concepção filosófica da moral. Uma outra concepção filosófica é conhecida como *emotivismo ético*. Para o emotivismo ético, o fundamento da vida moral não é a razão, mas a emoção. Nossos sentimentos são a causa das normas e dos valores éticos”. (CHAUI, 1996, p. 352). Essa é a concepção de Scheler num contraponto ao racionalismo formalista de Kant.

seu livro *Da reviravolta dos valores*, diz que Kant degrada a virtude tornando-a um mero efeito de uma vontade em consonância com o dever.

A virtude, ao contrário, aponta para uma consciência viva de potência para o bem, totalmente individual e pessoal [...] A assim chamada lei ética e o dever, ao contrário, são apenas substitutos impessoais para virtudes ausentes. Deveres são transferíveis, virtudes não. (SCHELER, 1994, p. 22).

Scheler, em contato com a filosofia de Husserl<sup>4</sup>, foi estimulado pela escola fenomenológica. Adotou esta posição para as suas investigações filosóficas. Embora a fenomenologia de Husserl trilhasse em direção aos problemas teóricos, Scheler se dirigia aos problemas da filosofia prática. Para Scheler, a fenomenologia constitui um método adequado à ética, pois esta é experimental, e toda ciência deve basear-se na experiência. São objetos da experiência aqueles conteúdos que fundam a essência da experiência ética vivida, isto é, os valores.

Quando se diz que um ato é eticamente bom ou mau, definimos o seu valor que constitui o conteúdo da experiência emocional, e o experimentamos ao realizar tal ato. Pois é o próprio valor que está contido diretamente na experiência vivida, não um juízo externo ao ato que lhe confere esse valor. O método fenomenológico extrai da experiência o valor, objetivando-o de maneira científica. Ao contrário do método experimental-científico, não se baseia na observação, o qual se fixa nas coisas. O objeto da ética em geral não é as coisas, por isso a escolha do método fenomenológico.

---

<sup>4</sup> Scheler bebeu das fontes da fenomenologia para constituir o seu método. “Edmund Husserl (1859-1938) foi o fundador da fenomenologia, seu trabalho *Investigações Lógicas* pode, com justiça, ser considerado o ponto inicial do movimento.” (SOKOŁOWSKI, 2004, p. 11). Contudo, Scheler não se satisfaz com as intuições lógico-rationais, apelando para um emocionalismo.

Scheler não define o valor fora da experiência vivida, este se define pelo objeto prático. O valor emerge sempre de determinada experiência, e sempre é valor em relação a determinado sujeito. Scheler não nos dá nenhuma definição de valor, apenas em sentido negativo: o que não é valor. O valor não é um atributo da coisa no sentido físico, não é uma potência ou disposição da coisa, nem uma propriedade oculta desta, é o objeto na sua totalidade, dado de forma nova. E desta forma nova é que se dá o objeto na percepção afetivo-intencional, isto é, no nosso conhecimento intuitivo emocional. É nesse conhecimento onde os valores vão manifestar a sua essência peculiar.

Para Scheler, somente a percepção afetiva emocional dá acesso aos valores de modo imediato e intuitivo. Como podemos perceber, o emocionalismo é uma característica muito forte do sistema scheleriano. Ao contrário de Kant que é um racionalista<sup>5</sup>, Scheler enfatiza no homem a sua esfera emocional. E o objeto das experiências emocionais é o valor. Essas experiências não se dão apenas na forma de estados afetivos, mas também, na de sentimentos puros de evidente caráter intencional, é o que Scheler chamava de sentimento, estado afetivo, ou até mesmo, percepção afetivo-intencional.

Scheler no seu livro *A posição do homem no cosmos* faz uma crítica aos gregos que tinham uma visão reducionista racional ou idealista do homem, e também critica Kant que volta a sustentar essa ideia na sua ética formalista. O que torna o homem essencialmente homem não é a razão, nem as “ideias”, mas o seu “espírito”, que apreende os valores

---

<sup>5</sup> Toda forma de reducionismo tem um sentido negativo e pejorativo no sentido scheleriano. O homem não pode ser fragmentado no seu ser, ele é um ser multidimensional. “O erro do racionalismo constitui em identificar a natureza do homem com a razão, quando a razão é apenas um aspecto particular do todo humano.” (MENDONÇA, 1996, p. 190). O racionalismo considerou a razão como a totalidade do humano, sendo que constitui apenas uma das partes essenciais da pessoa humana. Descartes, o pai da modernidade, diz que o homem é *res cogitans*, uma coisa pensante. “A existência é afirmada somente em função do pensamento.” (JESUS, 1997, p. 47). O *cogito* é o primado do pensamento para Descartes.

essenciais da pessoa, coisa que a razão não pode fazer:

Os gregos já afirmavam um tal princípio e chamavam-no “razão”. Nós preferimos usar uma palavra mais abrangente para aquele X, uma palavra que certamente abarca concomitantemente o conceito de “razão”, mas que, ao lado do “pensamento das ideias”, também abarca concomitantemente um determinado tipo de “intuição”, a intuição dos fenômenos originários ou dos conteúdos essenciais, e, mais além, uma determinada classe de *atos volitivos e emocionais* tais como a bondade, o amor, o remorso, a veneração, a ferida espiritual, a bem-aventurança e o desespero, a decisão livre: a palavra “espírito”. (SCHELER, 2003, p. 35).

Scheler defende que o homem conhece por percepções afetivas. Mas nem todos os atos emocionais têm esse caráter emocional. Essa espécie de atos emocionais e experiências emocionais, Scheler vai dizer que elas têm caráter de simples estados afetivos. Na perspectiva da teoria do conhecimento de Scheler, poderíamos inverter “o amor pelo saber”<sup>6</sup>, frase que classicamente define o “filósofo”, pela frase “o saber pelo amor”, como é a concepção scheleriana da percepção afetivo-intencional-cognoscitiva do conhecimento dos valores pela forma mais sublime de conhecimento dos valores que é o amor: o amor pelas pessoas e pelas coisas a que se quer conhecer. O amor nos aproxima do “valor” das coisas.

---

<sup>6</sup> A filosofia é a ciência que busca o conhecimento da verdade. O filósofo é aquele que é amigo do saber. Os primeiros filósofos foram aqueles que primeiramente propuseram as questões existenciais, desvinculando a explicação das origens da vida e da ordem do *cosmos* das fábulas míticas das teogonias. A asserção “amor pela sabedoria” caracteriza o filósofo, que é aquele que ama a sabedoria, aquele que é amigo da sabedoria, como nos transparece o próprio significado etimológico da palavra “filosofia” (do grego *filos*: amigo; *sofia*: sabedoria) Assim, “o sentido do humano deveria ser o objetivo principal e natural da filosofia, devido à compreensão que se tem como ciência humana, amor ao saber.” (MÜLLER, 2000, p. 09). Scheler embasa seu protagonismo filosófico no amor como força propulsora para uma sincera busca da verdade fundamental.

No campo da vida emocional humana, Scheler distingue diversos níveis, desde os mais superficiais e periféricos até os mais centrais e profundos. O nível mais superficial na vida humana é o estrato sensorial, aquelas experiências vividas que tem caráter exclusivo de estados afetivos. O nível vital mais profundo não está nessas experiências com caráter afetivo, mas está nas experiências com clara relação a um valor objetivo das percepções afetivas intencionais. Esses estratos emocionais mais profundos, sobretudo no campo espiritual, predominam e se convertem na forma exclusiva das experiências emocionais. Graças aos atos afetivos intencionais manifesta-se ao homem todo o mundo objetivo dos valores.

Kant sustenta que o mundo material dos valores é um caos, e diz que só a razão introduz uma certa ordem com seus princípios apriorísticos. Scheler diz que o mundo dos valores está plenamente ordenado objetivamente, e diz que a percepção afetivo-cognocitiva humana se distingue por certa ordem apriorística. Trata-se de uma ordem objetiva, pois o puro sentimento não cria a ordem dos valores, apenas a capta como está disposta objetivamente. Scheler refere-se a uma ordem entre os valores, sobretudo de relações hierárquicas, valores *a priori* que são superiores a outros. Essa superioridade *a priori*, que alguns valores têm sobre outros, a percebemos emocionalmente. Scheler fala de preferir, tendo em vista que os valores são percebidos intencionalmente numa posição hierárquica bem definida, como superiores e inferiores, e por isso, temos aquele puro sentimento de superioridade e inferioridade de um valor.

A percepção afetiva dos valores realizados nos atos emocional-cognitivos se origina puramente de modo emocional. Scheler fala da experiência vivida do amor, que é diferente da do ódio, pois a essência desta consiste na referência ao valor. Scheler diz, por exemplo, em relação a uma pessoa que, enquanto vivemos o amor para com essa pessoa, dilatamos o seu valor, e quando a odiamos, pelo contrário, nós fazemos uma constrição do valor objetivo desta. Assim, o amor é uma atitude correta, e nos permite penetrar no mais profundo possível no valor de determinado objeto, enquanto o ódio pelo contrário,



ofusca-nos para tal valor<sup>7</sup>.

Scheler atribui o estrato mais profundo do homem às experiências da esfera emocional, e afirma que essas experiências vividas nos revelam um dos fatores primários da estrutura objetiva da realidade, isto é, o valor. Coisa que a razão não pode fazer, pois esta não descobre o valor nem traduz sua essência peculiar. É a emoção, o amor e a percepção afetiva que manifesta a essência axiológica das coisas. A coisa e o valor para Scheler são dois elementos da realidade igualmente primários e irreduzíveis um ao outro. Entre a ordem das coisas e a ordem dos valores há uma fronteira que segundo Scheler, não se pode transpor. Enquanto as coisas estão sujeitas a mudanças, o valor não sofre mudança alguma. Até é possível captar o valor de modo independente da coisa. Percebemos então, a separação das emoções em relação à razão, e percebemos o primado das emoções expressado no sistema de Scheler de modo que o conhecimento emocional do valor precede o conhecimento intelectual da coisa.

A atitude emocional domina a relação homem-realidade, é por isso que a axiologia precede a ontologia, e a ética se vincula à axiologia e não à ontologia. Para Scheler, o conceito de bem está em relação com o valor e não com a coisa, e como o valor está separado da coisa, igualmente o bem se encontra separado dela. E conhecendo o valor de maneira emocional, a percepção afetivo-intencional que manifesta o valor, manifesta também o bem. O valor se dá na própria experiência vivida, o bem, acrescenta-lhe o caráter e a posição objetiva.

O valor constitui o fundamento da essência dos bens. Segundo Scheler, nós devemos entender o bem como o próprio valor em posição objetiva. O valor objetivo é o fim das

---

<sup>7</sup> O amor constitui uma forma de conhecimento afetivo profundo do valor que é iluminado pelo intelecto. Os “pensamentos do coração” são envoltos de afetividade nos quais o valor se revela. Afetividade é a presença do prazer na satisfação de necessidades causadas pelo valor. O valor afetivamente nos realiza, e os valores mais elevados, o fazem de maneira mais plena.

aspirações. O fator fundamental de toda aspiração é o valor em si mesmo, é este que decide sua direção e constitui o seu conteúdo. Na experiência do querer, a percepção afetiva emocional de um valor determinado contém uma motivação emocional a qual Scheler define como causalidade da atração. Scheler também cita outro fator que influencia na motivação emocional que ele chama de impulso psíquico. Este denota um estado afetivo. Os estados afetivos, positivos e negativos, acompanham a própria realização do valor em um determinado ato da vontade.

Para que um determinado valor se converta num fim, objeto de um querer, este se baseia nos fatores emocionais da experiência vivida. Quando o valor se converte no fim da aspiração, ele adquire um novo conteúdo, o de dever ser, ele adquire o caráter de dever ideal, e atribui a si a realização. Essa atribuição a si de um valor no sentido da realização, se cumpre na vida moral. Não há nenhum fim que seja por si mesmo moralmente bom ou mal. Boa ou má é só a vontade, esta não extrai de si mesma a bondade ou a maldade ética, mas a experimenta sempre em relação aos valores objetivos a que aspira.

Os valores morais não podem ser definidos, apenas podemos dar as condições particulares em que eles se manifestam como conteúdo da percepção afetiva. Se o objeto é a pessoa estamos significando que é na pessoa que se manifestam e estabelecem-na como objeto de experiência fenomenológica. Isso não significa que a pessoa é boa pelo fato que queira valores morais positivos. Scheler acentua o caráter pessoal dos valores morais. Nem a pessoa nem o ato podem objetivar-se de modo concreto, é só na experiência vivida que se dão experimentalmente, apenas na experiência fenomenológica reflete sua essência peculiar que se encontra relacionada com o valor. Quando um valor é emocionalmente conhecido pelo sujeito como o mais alto, esse sujeito experimenta o bem moral em sentido absoluto. E quando um valor é conhecido como o mais baixo, o sujeito experimenta o mal moral no sentido absoluto.

O bem se vincula na experiência, ao ato que realiza um valor positivo no âmbito de uma classe superior de valores, e o mal, ao ato que realiza um valor negativo nessa mesma classe. “Na manifestação dos valores morais do conteúdo de uma experiência emocional, desempenha um papel particular a hierarquia *a priori* dos valores objetivos, que constituem um objeto de realização nos atos da vontade.” (WOJTYLA, 1993, p. 28). Scheler como fenomenólogo, reduz sua doutrina a cerca dos valores morais a este âmbito hierárquico. Em sua análise, define as condições de experiência em que o valor moral constitui o seu valor objetivo, para que seja possível verificá-lo e examiná-lo empiricamente.

Mesmo se tratando de uma hierarquia da percepção afetiva, possui sua própria importância objetiva. Scheler propõe certos critérios para julgar a superioridade e a inferioridade de determinados valores nessa hierarquia. Esse critério constitui-se na axiologia teórica, mas na experiência moral, é importante a axiologia prática em que se expressa uma hierarquia de experiências.

Digamos unicamente que em Scheler, só se distingue a ordem hierárquica formal dos valores (segundo seus próprios objetos) da ordem material (segundo seu conteúdo objetivo), hierarquizada, nesta segunda ordem, as diversas variedades de valores segundo a escala seguinte: valores sensitivos, vitais, espirituais e do “sagrado”. (WOJTYLA, 1993, p. 28-29).

O problema central da ética de Scheler é o *ethos*, que reduz a disposição dos valores morais dentro do conteúdo da vida emocional da pessoa<sup>8</sup>. A hierarquia *a priori* dos valores objetivos experimentados por um determinado sujeito do ato e da vontade tem importância imediata e fundamental para a

---

<sup>8</sup> Pelo modo como se porta, o sujeito vai criando seu modelo de vida, sua personalidade moral, seu *ethos*. O *ethos* é o lugar interno do homem, seu caráter moral adquirido através de atos e hábitos. Cada homem constrói seu *ethos* pessoal conforme as circunstâncias em que vive, e guia-se por esse *ethos*. O *ethos* é o fundamento e a orientação da práxis humana.

manifestação dos próprios valores na experiência de tal sujeito. E tendo em vista a conexão dos valores morais na experiência com estrutura hierárquica dos valores objetivos da experiência vivida, tal estrutura recebe o nome de *ethos*.

Não se trata apenas de experiências individuais, mas também de grupos de determinados ambientes e sociedades históricas. Em relação a cada um deles se pode falar de um certo *ethos* segundo Scheler. E como entre os diversos sujeitos há diferenças quanto a sensibilização face aos valores, registrar-se-ão do mesmo modo diferenças quanto ao *ethos*. Essa sensibilidade pode desenvolver-se no sujeito ou em um ambiente determinado. Também o *ethos* deverá experimentar um desenvolvimento. Nos defrontamos assim, com mudanças efetivas do *ethos*. Mas não devemos entender isso “apenas no sentido da adequação de um sistema estável de valores aos bens cambiantes da cultura e da civilização.” (WOJTYLA, 1993, p. 29). O nosso modelo de vida pode progredir.

Nos deparamos assim com o problema da estabilidade ou mutabilidade da ética, do significado absoluto ou relativo dos valores éticos. Scheler diz que essas referidas mudanças do *ethos* são inteiramente compatíveis com a ética absoluta. As mudanças demonstram que é necessária certa perspectiva em relação aos valores. O indivíduo ou até mesmo toda a humanidade não é capaz de esgotar em uma determinada época da história toda a escala de valores possíveis na totalidade de suas experiências. Pode haver tanto um processo quanto um retrocesso, e as mudanças do *ethos* deverão refletir-se nos próprios valores éticos que estão sujeitos a tais oscilações, o que não significa que sejam em si mesmos relativos. Só é possível falar em relativismo ético quando se absolutizam os valores de um determinado período histórico da civilização. Quando se aceita a perspectiva de Scheler, não se põe em perigo o significado absoluto dos valores éticos, e não é necessário adotar a posição formalista kantiana para salvar o caráter absoluto dos valores éticos e da ética em geral.

Scheler revela uma tendência objetivista<sup>9</sup>: a origem do valor ético deve ser procurada no objeto em que se manifesta fenomenologicamente a nós nos atos intencional-emocionais, pelos quais acessamos a hierarquia objetiva, eterna e imutável dos valores<sup>10</sup>. Scheler defende a existência de uma hierarquia objetiva material dos valores. Com isso, surge a questão do apriorismo moral e material e da esfera emocional da ética. E também a questão do valor material objetivo. Scheler exclui de seu sistema a importância do dever e recupera para a vida moral a esfera emocional. Ele se dirige a uma apreciação ética do sentido da vida emocional. A conduta individual é guiada pelo *ethos*: cada pessoa vive os valores percebendo-os sentimentalmente e preferindo os superiores, sendo o amor, a forma emocional primária de apreensão dos valores éticos. O que Kant pretendeu buscar na razão pura com a validade geral para todos os homens (universalidade) era simplesmente o enraizamento do *ethos*, mas que aí estava limitado à história de um povo de determinada época<sup>11</sup> (povo da Prússia), o que não

---

<sup>9</sup> Scheler é um filósofo objetivista-essencialista. “O objetivismo axiológico tem antecedentes tão longínquos como a doutrina metafísica de Platão sobre as ideias [...] Em nosso tempo, o objetivismo axiológico está representado sobretudo pelos filósofos idealistas alemães Max Scheler e Nicolai Hartmann.” (VÁZQUEZ, 1985, p. 123). Scheler é um importante pensador nessa linha.

<sup>10</sup> Podemos compreender o anseio social hodierno nessa crise de valores. “O homem é naturalmente axiotrópico: vive à caça de valores.” (EMPINOTTI, 1990, p. 11). O homem os sente experimenta-os, “preenche o vazio ontológico de sua sede de perfeição. Nem sempre, entretanto, é feliz nesta aventura gostosa da existência e isto porque sua essência não encontrou o alimento propulsor.” (EMPINOTTI, 1990, p. 11). O homem anseia à eternidade, à perfeição, anseia pela plenitude. Nesse sentido, “a pessoa humana deve sentir a presença efetiva e eficaz dos valores, que no final é o que importa para uma vida rica em plenitude.” (EMPINOTTI, 1990, p. 12). A axiologia nasce da ontologia, se afirma na ética e de expande na deontologia (dever). Em Max Scheler o ponto de ignição axiológico se dá no campo psicológico, no “sentir emocional” que se expande na fenomenologia, para culminar na dimensão do sagrado.

<sup>11</sup> Hoje há a busca da fundamentação de um *ethos* universal. O mundo globalizado, como sistema de uma nova forma de acumulação e regulação dos bens, para promover o bem universal, necessita de uma orientação

retira nada da grandeza do *ethos*, que não deve assim se restringir.

O espírito que anima a ética scheleriana é de um objetivismo e absolutismo ético rigoroso. Outro aspecto importante da ética de Scheler é o “intuitivismo emocional” ou “apriorismo material”. Scheler diz que graças ao seu absolutismo ético e objetivismo axiológico, as opiniões tradicionais do relativismo e subjetivismo éticos perderam muito espaço. Pois as pessoas parecem estar cansadas do relativismo inconsistente como do formalismo vazio e estéril de Kant e da unilateralidade da ideia de dever em sua ética. Kant construiu uma concepção falsa de *ethos*, traindo assim, a alegria e o amor, que são as fontes mais intensas do ser e da ação moral. Kant, para Scheler, nos iludiu com seu falso heroísmo do dever.

Pelo princípio de solidariedade, Scheler elimina todo individualismo em virtude de sua teoria da co-responsabilidade primitiva de cada pessoa para com a salvação moral do “reino das pessoas”. Para Scheler, não é o valor moral uma pessoa isolada, mas a pessoa vinculada com Deus, dirigida em amor pelo mundo, e que se sente unida solidariamente com o todo do mundo<sup>12</sup> e com a humanidade. Scheler diz que o valor da pessoa

---

ética mundial. Um *ethos* global para todos os povos, sem discriminação. Através dos tempos, as religiões possuíram sempre princípios orientadores de grande influência na condução do comportamento moral para a realização do bem comum. Os valores religiosos devem ser considerados na formação de uma ética mundial à sobrevivência dos povos. As religiões, como propagadoras dos valores religiosos, manifestam na história da humanidade grande importância na condução dos povos. Devemos discernir os valores morais e religiosos comuns entre as religiões para com eles, possibilitar a formulação de uma ética mundial.

<sup>12</sup> Hoje se fala em uma ética da solidariedade antropocósmica e em uma eco-ética. Quer se valorizar uma ética que envolva todas as formas de vida – humana, animal, vegetal –, bem como o ecossistema onde se desenvolvem. “O certo é que a ética nunca foi, em primeiro lugar, um código de normas. Ela é antes de tudo uma concepção de vida, um estilo, um modo de existir do homem. Ética é um horizonte que exprime o sentido, o rumo que damos ao nosso viver, o rumo que procuramos traçar para a história humana e cósmica.” (HOTTOIS, 1993 apud PEGORARO, 2002, p. 28). Ética é construção da existência, um horizonte que aponta

é superior ao valor das coisas. O princípio mais importante e essencial que sua obra pretende fundamentar e transmitir com a maior integridade é que o sentido e o valor final de todo este universo se mede exclusivamente pelo puro ser e pela bondade mais perfeita possível, pela rica plenitude, pela mais pura beleza e pela harmonia mais íntima das pessoas. O fundamento espiritual do universo merece o nome de “Deus”, este, é “pessoal”. O fundamento do universo participa da nossa alma no ato religioso.

## 2 A Antropologia Scheleriana como Fundamento de uma Fenomenologia da Percepção

Na antropologia de Scheler, “o ser da pessoa fundamenta todos os atos essencialmente diversos.”<sup>13</sup> (SCHELER, 2001, p. 513). A investigação fenomenológica diz que os nossos atos são autênticas essências intuitivas concretas. E para que uma essência de atos possa ser concreta e intuitiva, pressupõe-se como referência básica, a essência da pessoa que realiza o ato, pois só a pessoa pode “intencionalizar”<sup>14</sup> para “atuar”, e assim, conhecer os valores intuitivamente. A relação pessoa e ato não ocorre no âmbito formal, mas na realidade material<sup>15</sup>. Os valores não são meras abstrações formais, mas são realidades que aparecem fenomenologicamente na concretude do *cosmos*, numa ordenação hierarquicamente objetiva e eterna. E quem conhece e vive os valores é a pessoa.

---

para frente e que “se traduz em atitudes práticas, comportamentos efetivos na vida cotidiana.” (HOTTOIS, 1993 apud PEGORARO, 2002, p. 28). Nossas atitudes devem sempre levar em consideração a vida do *cosmos* e a vida que há no *cosmos*, da nossa casa, que é o ecossistema em que estamos inseridos, numa espécie de fraternidade ecológica, ou poderíamos dizer, eco-cósmica.

<sup>13</sup> “El ser de la persona fundamenta todos los actos esencialmente diversos”.

<sup>14</sup> Scheler enfatiza o aspecto intencional da ética. “Para Scheler, a pessoa existe essencialmente na execução de atos intencionais.” (ZILLES, 1997, p. 70). Scheler enfatiza o protagonizar ético.

<sup>15</sup> Max Scheler vê na pessoa não um substrato distinto de seus atos, mas o centro deles, percebido e vivido em cada ato. Esse centro que funda todos os atos constitui a unidade da vida pessoal.

Scheler vê a pessoa não como uma cumpridora de deveres formais normatizadores ou coativos, mas vê “a pessoa como depositária de valores éticos.”<sup>16</sup> (SCHELER, 2001, p. 620). Cada pessoa está ligada ao todo do *cosmos* moral, sendo co-responsável por ele. E no seu posto de membro, traz em seu viver o mundo dos valores. A pessoa de Scheler é uma integração de espírito e vida. Nessa visão, há uma integração entre pensamento e materialidade. O espírito integra tanto os estratos vitais humanos, como o impulso sensitivo, a memória associativa, a inteligência prática, e o ato peculiar do espírito, o ato de ideação, configurando a unidade corporal-espiritual da pessoa, como integra este ato de ideação com os demais estratos da vida espiritual mesma, como os atos emocionais ou sentimentais. O espírito é a dimensão integradora, perpassa todas as dimensões da vida.

O puro ato intencional de sentir ou perceber sentimental do espírito é um ato objetivador e perceptivo. Tendo uma intencionalidade, tem como correlato objetivo uma matéria de intuição, a essência pura do valor. A intuição, como ato, parte sempre do espírito, ato puramente objetivante, capaz de obter um dado cognoscível. Os valores não são objetos, são essências puras, matéria de uma percepção intencional. Os estratos da vida emocional são sentimentos relacionados à intuição sentimental de valor e são o fundamento antropológico da relação entre a felicidade e a ética material de Scheler, sendo indicadores do grau de integração espiritual entre os estratos de atos de intuição e os estados afetivos, e do grau de satisfação da intenção espiritual mais profunda.

Uma importante conexão essencial é que a intuição da hierarquia material dos valores está intimamente relacionada à profundidade dos estratos emocionais. A altura do valor intuído, do mais inferior ao superior e absoluto, está relacionada à função que intui conforme este valor esteja mais para o lado da dimensão do vital, e por isso, se encontra num grau de relatividade às dimensões contingentes dos estratos de ser da pessoa, ou pode estar vinculado à profundidade do sentimento

---

<sup>16</sup> “La persona como depositaria de valores éticos”.



emocional, mais para o lado da dimensão espiritual, portanto, mais próximo da intuição do valor absoluto totalmente independente do existente. À intuição está relacionado um determinado sentimento de um estado emocional. Os estratos da vida emocional estão ligados à compreensão antropológica de Scheler e são o fundamento da sua teoria do conhecimento. No estrato mais inferior da vida emocional se acha o sentimento sensível, depois vem os sentimentos corporais ou vitais, em seguida, vem os sentimentos anímicos ou psíquicos, e por fim, os sentimentos espirituais.

A objetividade dos valores somente pode ser entendida no sentido de que são objetos de um ato intencional objetivante, uma intenção do espírito que tem como preenchimento uma intuição onde se dá um dado evidente e objetivo para esta intuição. São objetos de uma percepção sentimental. Podemos dizer que os valores são essências puras somente acessíveis na intuição sentimental. Os valores somente podem ser entendidos como objetivos porque o perceber sentimental é um ato objetivador. Se preferimos ou postergamos um valor em relação a outro, é porque intuímos imediatamente uma diferença de magnitude valorativa entre eles, e que portanto há uma hierarquia entre os valores. O valor é matéria de uma intuição originária do espírito. A materialidade dos valores significa, em Scheler, que é matéria ou conteúdo que preenche um ato de intuição espiritual.

O apriorismo emocional ou sentimental significa que a primeira intencionalidade da consciência não é teórica nem prática, mas de um puro sentir dirigido ao seu objeto. A aprioridade dos valores significa que a primeira intenção da consciência não visa a coisa, mas o bem, isto é, a coisa como um algo valioso antes de ser coisa. Todos os objetos do mundo relativo de nossas cosmovisões são somente objetivados a partir de uma primeira intuição de valor. A razão não cria nossos primeiros objetos, quando ela chega, os objetos já estão ali, como conteúdos de intuição valorativa. O valor é a intuição original de qualquer ato do espírito, nós não somos atraídos primeiramente pelo bem, mas antes o bom nos atrai. A

existência do valor depende do seu depositário. O valor aparece sobre um depositário real. Mas como a essência precede a existência para Scheler, o valor pode ter seu modo de ser somente como essência. Assim, o valor absoluto ou bem absoluto, é absoluto porque não está condicionado à existência, é totalmente independente e não relativo, diferente dos demais valores que são relativos a seus depositários materiais.

O *a priori* material da intuição sentimental é o ponto de partida para qualquer outra modalidade de conhecimento. Ele é o dado da primeira intenção. Para Scheler, anterior a todo conhecimento formal propositivo há uma intuição material. O dado formal da universalização somente tem sentido como predicado sobre um *a priori* material. O *a priori* material da intuição sentimental é o dado da essência pura imediatamente intuída sem necessidade de generalização, auto-dada evidentemente como uma essência mesmo a partir de uma intuição singular: o valor.

A ética está sempre fundada em uma antropologia filosófica. O modo de conceber o homem é o ponto de partida de tudo. A ética de Scheler parte de uma noção de estratos, de conexões estratificadas de essências. Estratos de ser no homem, estratos de percepção, estratos de estados emocionais, estratos hierárquicos de valores. O homem é um microcosmo. O homem é o único ser no qual todas as estruturas objetáveis do universo estão presentes. Desde a esfera do mundo material inanimado, a esfera atômica, molecular, passando pela estruturação orgânica da matéria que perfaz a vida, as dimensões de vida vegetativa e anímica, a vida psíquica emocional, a dimensão afetiva valorativa, e por fim, a ligação de todos os elementos vitais à esfera espiritual e a ligação do espírito singular da pessoa humana ao espírito supra-singular ou absoluto, fundamento de todo ser, tudo isto perfaz as diversas esferas microcóslicas da pessoa humana. Scheler define o homem a partir unicamente de sua posição peculiar no *cosmos*. Scheler aponta diversos estratos de ser presentes onticamente no homem, e os compara com os demais seres viventes.

Na consideração das esferas de ser vivente em geral, a primeira dimensão de estruturação é a construção do mundo

psíquico individual, que se desenvolve em quatro dimensões evolutivas e subordinadas umas às outras. Estas etapas são: 1º o impulso afetivo ou sensitivo já presente nas formas viventes vegetais; 2º o instinto animal; 3º a memória associativa presente em certos animais; 4º a inteligência prática. É característica de todos estes processos que é uma progressiva individuação e desprendimento em relação ao meio natural. O homem compartilha elementos de todas estas esferas. Porém, não só o homem, também animais superiores. A diferença essencial do homem com relação a esses animais superiores é o espírito: este lhe confere exclusividade. A pessoa aparece como o centro de atos que une ou liga o espírito à vida, “é o centro ativo no qual o espírito aparece no interior das esferas finitas do ser.” (SCHELER, 2003, p. 36). O surgimento do homem é a “elevação até a abertura do mundo por força do espírito.” (SCHELER, 2003, p. 38). É o que permite ao homem poder se posicionar de modo aberto para o mundo.

O ato de idealização é o ato especificamente espiritual pelo qual o espírito se faz presente aos elementos do meio e os representa para si como essências, desvinculando-os do meio e elevando-os a objetos de seu mundo, como ideias suas. É o ato espiritual de “constituição essencial do mundo.” (SCHELER, 2003, p. 48), que permite à pessoa se desvincular das intuições originais e se elevar e se desprender em relação ao meio e a todo ser psico-físico. O homem não tem uma posição peculiar no *cosmos*. Este como mundo constituído é que tem posição no seu espírito. O espírito é puro ato intuitor. O fundamento da pessoa é ser o centro destes atos, ligada à vida. Ato é movimento, não é posição. Pode estar em qualquer posição. O espírito da pessoa é trânsito livre e permanente, participação às diversas esferas de ser. O homem não pode ser uma definição. Ele é precisamente o ato definidor.

O homem é unidade entre espírito e vida pela qual o espírito se insere e se realiza na vida. “A relação fundamental do homem com o fundamento do mundo reside no fato de que este fundamento se compreende e se realiza no homem.” (SCHELER, 2003, p. 88). Vida e espírito (singularmente

entendido) têm sua origem e unidade neste fundamento último que é o espírito supra-singular (Deus). O homem essencialmente é trânsito entre o reino da natureza e o reino de Deus, como uma ponte, movimento. O sentido do ser do homem é um sair-de-si, uma itinerância, num impulso que ou se dirige para a natureza mesma, ou para Deus.

Na ética material *a priori* dos valores de Scheler, com sua fenomenologia do *a priori* a partir das esferas de depositários e dos estados sentimentais dos atos intuitivos, surge a dimensão da hierarquia dos valores. A intuição da superioridade de um valor frente a outro, para Scheler, é dada no ato de preferir. O valor superior para a pessoa é o valor preferido no ato de preferir. É neste sentido que a ordenação hierárquica dos valores nunca pode ser derivada ou deduzida, somente se dá no momento do ato, e cada vez precisamos preferir qual valor é mais alto. A ética trata dos valores em relação à pessoa humana. Seu objetivo é ordenar os valores em mais altos ou mais baixos, independente de todo sistema de bens e fins. A classe mais elevada de valores é os valores do santo. Os valores do sagrado são superiores em relação aos espirituais, e estes, em relação aos vitais, que por sua vez o são em relação aos valores do agradável-desagradável.

O portador do valor moral é a pessoa. A pessoa tem valor em si porque é centro de atos, é espírito e vida. Como centro de ato puro, a pessoa é portadora de valor absoluto em si. Se o ato concreto da pessoa é mau, podemos dizer que a pessoa é má somente por analogia ao valor moral do ato, enquanto realiza valores. Não podemos confundir o valor moral com o valor da pessoa. Somente há moralidade no ato enquanto realiza valores concretamente, no ato que tem uma matéria. O portador do ato moral, quem livremente realiza este ato, é a pessoa. O ato puro, o ato moral da pessoa, pode ter valor moral bom ou mau, conforme realize valores positivos frente a desvalores, ou valores superiores em nível hierárquico, como é o sagrado para a pessoa, acima do qual nada há de maior em matéria de valor. A pessoa, porém, tem sempre um valor positivo absoluto: a pessoa é boa. O ato da pessoa pode ser bom ou mau, mas a pessoa é sempre boa. Somente por uma analogia materializante

da linguagem, dizemos que uma pessoa é má, ainda assim em sentido relativo. Mas nunca o pode ser de modo absoluto.

O amor dirige-se sempre ao bem e ao valor do bom, e sempre encontra o que procura: o valor bom que há em todo ser, que não é ontologicamente o ser, mas repousa sobre o ser. Sempre haverá quem ame, e quem ama poderá encontrar sempre o valor do bom, pois o amor dirige-se ao valor do bom e ao bem, portador deste valor. Isto é evidente para quem ama. O amor é livre para amar e sempre encontra o bom que procura no bem que é seu objeto. O amor, de certo modo, cria valor onde ainda não há. Mesmo que uma mãe abandone seu filho e o seu pai o rejeite, ainda assim, enquanto houver uma pessoa capaz de amar, sempre haverá quem o ame, e nisto a pessoa encontrará o seu valor.

A aprioridade do valor encontra-se de modo absoluto na pessoa. O sentido primordial da pessoa é o seu valor, que é aquilo que deve ser realizado; sentido que se mostra como evidente e objetivo para uma intuição sentimental do espírito. A pessoa é boa em si, independente de qualquer mediação e mesmo que não tenha consciência de seu valor. A realização da pessoa tem dois sentidos: consiste em se desenvolver como pessoa mesma, realizar o bem que é; e em realizar valores no mundo, que dentre estes, os superiores são os religiosos. O sentido religioso é o que por excelência plenifica a pessoa humana.

O amor e o ódio formam o estrato superior de nossa vida emocional. Como o valor mais alto dentre as modalidades hierárquicas, o valor do sagrado, somente é intuído por um ato de amor a uma pessoa. Dentre os atos emocionais pré-rationais, o amor, para Scheler, é o fundador de todos os demais atos espirituais. É o amor que dá o primeiro sentido. O amor se dirige ao valor do bom e ao bem portador do valor absoluto do bom. Encontramo-nos assim em uma experiência sentimental, mas sempre referidos a uma pessoa. O amor pode ter como objeto uma pessoa humana, a pessoa de Deus, ou mesmo um fetiche, mas sempre sendo estes portadores de valor absoluto que se dão como pessoa.

É por isso que em dado momento da história, Deus, a única pessoa perfeita e pura, porque puro ato, foi entificado como ser, numa ingênua tentativa de objetivação. Deus, pessoa pura, espírito supra-singular, para Scheler, é ato puro, essência pura, fundamento de todo ser e modo de ser. Apenas podemos seguir as indicações, o exemplos dos líderes, santos, pegadas que levam a Deus. O homem busca a Deus para tornar-se pessoa, e o faz concretizando e vivenciando os valores religiosos, “teomorficadores”, que encerram a sua essência em Deus, sentido de nossa vida.

O amor tem sempre diante de si o valor da pessoa. O ato de amar está dirigido ao valor absoluto e irreduzível da pessoa, o bom em si, que não é em nada relativo à existência, mas à essência pura da pessoa. O amor descobre o valor do bom mesmo onde este ainda não apareceu, ou estava encoberto. O amor, estritamente falando, não cria valores, mas os descobre, intui sem mediação. O amor “vem e vê”, faz, realiza uma experiência vivida, é anterior ao conceito, não aceita pré-conceitos, precisa de uma experiência intuitiva vivencial e direta; e porque é intencional, o amor sempre encontra o que procura. O amor encontra o valor do bom mesmo naquele portador, aquela pessoa, que ainda não realizou este valor.

### 3 A Gnosiologia Scheleriana e o Emocionalismo Ético

A teoria do conhecimento de Scheler tem por base as intuições emocionais fenomenológicas da pessoa. Os valores e as suas conexões são independentes do ser real em que se manifestam fenomenologicamente. Kant tem o mérito de afirmar que as proposições éticas devem ser *a priori*, mas vacila na sua explicação acerca do *a priori* por desconhecer a experiência fenomenológica na qual os atos de intuição se manifestam. Kant defende um apriorismo teórico. Para Kant “a lei moral surge de uma ‘autoposição da lei da razão’, ou bem: a pessoa racional é a ‘legisladora da lei moral’.”<sup>17</sup> (SCHELER,

---

<sup>17</sup> “La ley moral surge de una ‘autoposición de la ley de la razón’, o bien: la persona racional es la ‘legisladora de la ley moral’”.

2001, p. 101). A lei moral surge da vontade pura do sujeito racional.

O *a priori* é dado intuído. Em qualquer ato objetivante há uma intuição que preenche uma intenção, há uma matéria intuída, a essência objetiva. O significado ôntico das essências e nexos essenciais, para Scheler, é dado por estas enquanto dados *a priori* em uma intuição. O *a priori* de qualquer experiência intuitiva espiritual é uma essência onticamente objetiva, porque objeto de uma intuição. Só podemos falar de *a priori* como dado da experiência, ou seja, auto-dado, nunca como algo anterior a esta experiência. O *a priori* é o que surge ao espírito como essência material de uma intuição.

Scheler mostra que uma intuição do dado *a priori* de toda experiência se mostra filosoficamente acessível graças à fenomenologia. Na visão fenomenológica, o formal e o material constituem a adequação da relação de preenchimento entre intenção e intuição. Para Scheler, Kant exclui o material do fundamento de todo conhecimento por confundi-lo com o *a posteriori*, e identificando o *a priori* somente com o formal. A antítese *a priori* – *a posteriori* não representa necessariamente a relação formal – material. Trata-se de duas relações diversas. O dado material tem prioridade sobre o *a priori* formal. A essência formal é constituída. O material é auto-dado, dado por si mesmo, anterior a toda constituição de objeto, ou dado constituído. O formal se torna matéria de uma intuição. O único que pode ser absolutamente *a priori* é o material auto-dado, nunca o formal. Sempre é possível encontrar uma intuição material anterior. “O dado *a priori* é um conteúdo intuitivo.”<sup>18</sup> (SCHELER, 2001, p. 107). É na linguagem scheleriana o *a priori* evidente. O formal, fora da experiência fenomenológica, constitui as leis ou estruturas que não são dadas na experiência, mas que a experiência se realiza segundo essa formalização. A “forma”, mais do que um método do experimentar deve constituir, dentro da experiência fenomenológica, a “matéria” e “objeto” da intuição.

---

<sup>18</sup> “Lo dado *a priori* es un contenido intuitivo”.

Na fenomenologia da vida emocional, numa ética material *a priori*, há a intuição das essências dos atos e suas matérias, da sua fundamentação e suas conexões, pela evidência da comprovação fenomenológica. O conhecimento do valor pela intuição que se concretiza no perceber sentimental, no preferir e no amar. Assim percebem-se também as conexões entre os valores. Os valores e sua hierarquia se manifestam num intercâmbio vivo e sentimental com o universo material e nossos atos intencionais. Sendo assim, “o querer moral, a conduta moral, em geral, acham-se fundados sobre este conhecimento do valor, cujo conteúdo é *a priori* e evidente.” (SCHELER, 2001, p. 127). A intuição da estrutura apriorística do reino dos valores, que são independentes dos bens, produz um dever-ser que guia o comportamento humano na linha da moralidade, e formalizado, produz uma ética material dos valores, que não se caracteriza pela sua formalidade, mas pela manifestação fenomênica dos valores no universo material.

O *a priori* material pode ser relativo tanto a proposições – atos significativos –, quanto a essências puras intuídas por uma percepção emocional anterior a toda generalização. Numa visão objetivista das essências, o *a priori* formal é sempre *a posteriori* em relação ao preenchimento intuitivo material. Os valores, intuídos como essências pela intuição emocional, serão o *a priori* material objetivo de todo conhecimento teórico e, consequentemente, também da ética. A finalidade da ética é fundamentar um agir racional concreto na materialidade, como realização dos valores no mundo. Scheler fala que “as relações mais importantes e fundamentais entre as aprióricas consistem em uma ordenação hierárquica entre os sistemas de qualidades dos valores materiais.”<sup>19</sup> (SCHELER, 2001, p. 173). Estes “formam o autêntico *a priori* material para nossa intuição de valores e preferências.”<sup>20</sup> (SCHELER, 2001, p. 173). Na

---

<sup>19</sup> “Las relaciones más importantes y fundamentales entre las aprióricas consisten en una *ordenación jerárquica* entre los sistemas de cualidades de los valores materiales”.

<sup>20</sup> “Forman el autêntico *a priori material* para nuestra intuición de valores y preferencias”.



hierarquia *a priori*, “os valores do santo são uma série de valores mais alta.”<sup>21</sup> (SCHELER, 2001, p. 179). Scheler ressalta os valores religiosos nessa hierarquia material objetiva *a priori* dos valores.

Os valores éticos não podem ser definidos com precisão, pois se originam da pura percepção afetivo-intencional. Penetrando no plano da experiência vivida, podemos nos perguntar sobre as condições em que se manifestam como fenômenos estes valores éticos. Podemos perguntar sobre os sujeitos em que se manifestam. Aplicando os critérios fenomenológicos aos valores éticos, preliminarmente, não somos capazes de definir a sua essência objetiva. Mas acontece que estes valores se manifestam na experiência particular vivida de determinado sujeito. Os valores éticos só se deixam captar como fenômenos. “Portanto, de um ponto de vista fenomenológico, conhecemos os valores éticos, como também todos os demais, desde que constituam o conteúdo da experiência de um sujeito.” (WOJTYLA, 1993, p. 66). Mas isso não significa que os valores éticos são exclusivamente subjetivos. Nenhum “eu” é o ponto de partida dos valores éticos, por este “eu” ser ele mesmo, objeto da consciência valorizante. Os valores se manifestam em sua essência na consciência sensível. Mas nem por isso eles não fenômenos da consciência, não são conteúdos da autoconsciência intuitiva. Qualquer intento de subjetivizar os valores deve ser excluído, pois nós captamos valores que não se deram em nós mesmos. Os valores são independentes da captação do sujeito cognoscente, eles existem em toda realidade. Mas o fator subjetivo é importante, já que sem a consciência valorizante e a sensibilidade individual dos valores não há como perceber os valores objetivos dados na experiência como fenômenos.

O valor ético de “bem” se manifesta como fenômeno em sentido absoluto no ato de realizar um valor objetivo conhecido pelo sujeito que o realiza como o mais alto. E acontece de modo inverso com o valor de “mal”. O conhecimento de superioridade ou inferioridade dos valores

---

<sup>21</sup> “Los valores de lo santo son una serie de valores más alta”.

éticos tem sua origem em atos particulares de perfeição afetivo-intencional da superioridade ou inferioridade. E o ato é moralmente bom quando seu objeto se adequar ao valor superior e contrapõe-se ao inferior, se acontece o contrário, tal ato é moralmente mau. “Esse é o critério primário ‘do bem e do mal’ dos valores éticos.” (WOJTYLA, 1993, p. 67). Esse é um critério fenomenológico. O fato mais importante para compreender a manifestação dos valores morais na experiência intencional do sujeito consiste em que os mesmos valores objetivos se apresentam sempre em certa ordem hierárquica. “Existe, segundo Scheler, uma certa hierarquia dos valores que se baseia em sua própria essência, independentemente das coisas às quais tais valores estão vinculados como a seus sujeitos.” (WOJTYLA, 1993, p. 68). Nós percebemos a superioridade ou inferioridade dos valores através dos atos de conhecimento emocionais, nestes, os valores nos são dados imediatamente. “O conhecimento do valor objetivo em sua posição hierárquica é intuitivo e emocional.” (WOJTYLA, 1993, p. 68). A superioridade e a inferioridade estão na própria essência objetiva do valor e a sua percepção emocional-cognoscitiva é um reflexo do estado de coisas objetivo. “Em tal sentido, a hierarquia dos valores é algo absolutamente imutável, embora os critérios com que se captam as relações hierárquicas entre os valores sofram mudanças históricas.” (WOJTYLA, 1993, p. 68).

Os atos intencionais cognoscitivos pessoais que captam os valores em sua hierarquia pertencem à esfera emocional do espírito humano. E o amor puramente emocional e o ódio são as energias fundamentais desta esfera. Nesta experiência emocional ou nos tornamos mais sensíveis aos valores do objeto quando nos dirigimos com amor, ou nos tornamos insensíveis ao objeto e dele nos afastamos quando nos dirigimos a ele pelo ódio. Os nossos atos emocionais na forma de percepções afetivas intencionais marcam os limites de nosso mundo axiológico. “O mundo axiológico objetivo percebido pelo sujeito em sua estrutura hierárquica e dado na experiência emocional-cognoscitiva do próprio sujeito, recebe em Scheler

precisamente o nome de *ethos*.” (WOJTYLA, 1993, p. 69). Há uma estreita relação entre o *ethos* e o ideal pessoal, ou seja, a essência axiológica ideal pessoal. Neste ideal pessoal se reúnem todos os valores da experiência emocional-cognoscitiva de um sujeito pessoal. Quando falamos em *ethos*, temos que ter presente o mundo dos valores hierarquicamente nos atos de percepção afetivo-intencional de superioridade ou inferioridade dos valores. O *ethos* é importante no sistema scheleriano, pois é ele que define o valor em relação à regra da manifestação dos valores morais na experiência pessoal.

O *ethos*, por consequência da sensibilidade subjetiva dos valores, pode sofrer mudanças, e isso é de fundamental importância para o conceito fenomenológico de valor. Este fato está ligado ao amor que nos faz conhecer novos campos de valor. A relatividade do *ethos* se dá na ordem fenomenológica, e por isso, não afeta a objetividade hierárquica dos valores. Scheler vê nessa relatividade do *ethos* um “perspectivismo” dos valores, pois o mundo dos valores não pode se apresentar absolutamente em sua totalidade na experiência pessoal do sujeito e nem mesmo em uma época da história da humanidade. A percepção afetiva está ligada à hierarquização atual do mundo dos valores na experiência. Mas o mais importante nas mudanças do *ethos* é o seu crescimento que se dá através do amor, e Scheler atribui essa mudança à atividade do gênio religioso moral<sup>22</sup>, que é o “gênio do coração”, cuja sensibilidade emocional aos valores revela à humanidade, um novo mundo de valores em uma nova estrutura hierárquica; um novo *ethos*. “Seguindo Pascal, Scheler afirma que o maior gênio do coração é Jesus Cristo, e vê no sermão da Montanha o melhor exemplo de transformação histórica do *ethos*.” (WOJTYLA, 1993, p. 71-72).

O sistema fenomenológico de Scheler comporta o conceito de bem, e o bem está estreitamente ligado ao valor. O valor é dado como fenômeno na experiência emocional-

---

<sup>22</sup> A forma mais radical de renovação e crescimento do *ethos* é a descoberta e a abertura de valores “superiores” que se realiza no movimento do amor. No gênio moralmente religioso é onde o reino dos valores se manifesta.

cognoscitiva, por isso, o bem não se separa do conteúdo da experiência. Conhecemos o mundo dos bens enquanto estes se manifestam na experiência vivida. O valor deve ao bem seu caráter objetivo e real. Contudo, o fenômeno como experiência vivida do valor objetivo, não nos insere no mundo objetivo dos valores, nem na ordem objetiva dos valores, nós só conhecemos este mundo enquanto dado na experiência. É no conteúdo intuitivo da experiência emocional que captamos a relação entre valores e bens.

O sistema fenomenológico scheleriano nos apresenta o valor moral em posição intencional, sendo o bem e o mal conteúdos das experiências emocional-cognoscitivas. Em decorrência das premissas fenomenológicas de seu sistema, Scheler concebe os valores éticos no conteúdo emocional-cognoscitivo da experiência pessoal. A objetividade do sistema scheleriano fica comprovada pelo fato de que os valores morais manifestados na experiência se vinculam à realização dos valores objetivos. Os nossos atos ocorrem em direção ao valor objetivo, este é a aspiração e orientação de nossos atos. “O valor só se manifesta ‘por ocasião’ desta aspiração no conteúdo de cada experiência emocional-cognoscitiva, de cada aspiração afetivo-intencional.” (WOJTYLA, 1993, p. 81).

Nós só podemos considerar objetivista um sistema ético que nos permita o juízo de bem ou mal ético sobre determinados atos ou pessoas que realizam estes atos. Scheler vincula a manifestação do bem ou do mal à posição hierárquica que os valores objetivos ocupam na experiência emocional-cognitiva. “Scheler admite uma hierarquia de valores *a priori* baseada em sua essência dada no conhecimento intuitivo-emocional. Segundo esta hierarquia, os valores vitais são *a priori* superiores aos valores sensíveis, e *a priori* inferiores aos valores espirituais.” (WOJTYLA, 1993, p. 82).

O bem e o mal moral se vinculam ao ato de realização de determinado valor objetivo. “O bem e o mal de determinados atos depende da posição hierárquica dos valores objetivos que neles se realizam.” (WOJTYLA, 1993, p. 82). É por isso que o homem que se dedica ao valor do “sagrado”, experimenta um

valor superior, algo que é mais perfeito que os valores sensíveis. Essa posição hierárquica é dada na percepção afetivo-intencional. E falando sobre essa categoria do “sagrado”, Rudolf Otto diz que “o sentimento numinoso não é uma mera emoção, mas é um estado afetivo.” (BIRCK, 1993, p. 15), e Scheler complementa dizendo que “este, situado para além do racional, encontramos no terreno das experiências vividas. Mais especificamente no sentimento.” (WOJTYLA, 1993, p. 29). A apreensão afetiva dos valores proclamada por Scheler em seu sistema, em contraposição ao formalismo kantiano, é confirmada por Otto. Bruno Birck diz no seu livro *O sagrado em Rudolf Otto* que:

A ideia do sagrado muitas vezes indica a ideia de *bem supremo* ou de *santo*. Para Otto, “esse sagrado ou santo é o resultado final da esquematização gradual e da saturação ética de um sentimento original e específico (o numinoso)” (Rudolf Otto). O sagrado é uma categoria complexa que se compõe de um elemento original e específico, o sentimento numinoso. (BIRCK, 1993, p. 92).

Mas a moralidade objetiva dos atos é independente da posição hierárquica que ocupam os seus respectivos valores, ela está contida nos próprios atos por outro motivo, um princípio que define a regra da experiência intencional dos valores morais e que não determina os próprios valores objetivos, o princípio do que é bem ou mal. Claro que nossos atos são orientados por uma classe de valores que nós concebemos como superiores, e dentro desta os valores positivos – o “bem” está ligado a sua realização – e negativos – o “mal” está ligado a sua realização. Mas isto só define a regra da experiência emocional-cognoscitiva-axiológica, os atos éticos estão relacionados com a posição intencional. No sistema de Scheler, o bem e o mal são fenômenos da percepção afetivo-intencional dos valores. É por isso, que temos que prescindir do nível intencional para alcançar a objetividade do próprio bem e mal de determinados atos. A percepção afetivo-intencional não nos dá plena

segurança de que o querer em si é bom ou uma determinada ação é moralmente boa. O sistema scheleriano encontra aí uma falha, uma falta de fundamento neste aspecto. Mesmo o sistema scheleriano sendo objetivo e buscando a fonte dos atos por parte do objeto na experiência intencional, “no entanto, não traz fundamentos suficientes sobre os quais possa basear o valor moral objetivo. E por aqui para seu objetivismo.” (WOJTYLA, 1993, p. 84). A ética cristã toma como base o conteúdo objetivo dos atos para avaliar o valor moral das ações humanas. No conteúdo, além do valor, indicamos o objeto da ação. Esse objeto tem um conteúdo de valor a que se dirigem nossas ações. Para Scheler, a ética pertence à ordem valorativa. O objeto – a “coisa” – e o valor são duas coisas diferentes, não se deixam reduzir um ao outro.

A ação é eticamente boa não só pelo seu conteúdo, mas pela intenção da pessoa que a executa, o ato de intenção. A bondade moral está no conteúdo objetivo do ato interno da vontade do homem. “Toda esta dinâmica de intenções se realiza na esfera puramente interna.” (WOJTYLA, 1993, p. 88). No ato da intenção mediante o qual nos voltamos sobre algo ou alguém, é que orientamos o valor moral de nossa ação, seja ela boa ou má. A essência do ato da intenção na orientação da vontade a algo enquanto este algo é conteúdo da experiência. O sistema de Scheler não deve ser considerado como plenamente objetivista, pois não nos dá condições de discernir o bem e o mal ético dos atos intencionais. “Podemos ver que a posição hierárquica do valor realizado em cada um dos atos não nos dá bases suficientes para ajuizar o valor moral real daqueles atos, seu bem ou mal objetivos.” (WOJTYLA, 1993, p. 90).

Na construção teórica da ética, Scheler inicialmente partiu de um esforço por mostrar a superação tanto das deficiências da visão formalista kantiana, como da visão exclusivamente materialista da ética dos bens e fins. Como um dos herdeiros da fenomenologia, Scheler percebe que não se pode sustentar um puro formalismo racional do dever sem que haja um preenchimento intuitivo. Kant comete um erro quando equipara os bens com os valores, os igualando. Ele diz que os

valores são abstraídos dos bens. Para Scheler, “os bens são por sua essência coisas valiosas.”<sup>23</sup> (SCHELER, 2001, p. 53). Kant diz que a bondade ou a maldade moral de uma pessoa ou de uma ação depende de sua relação com um mundo de bens ou males existentes e da vontade e do conhecimento empírico deste mundo. O valor moral da vontade vai depender sempre de bens, e da forma como vamos fomentá-los. “Assim, pois, toda modificação nesse mundo de bens modificaria também o sentido e a importância de ‘bem’ e ‘mal’.”<sup>24</sup> (SCHELER, 2001, p. 53). Esse mundo de bens se modifica com o movimento da história. O mesmo ocorre com o valor moral. E a aniquilação do mundo dos bens anula a ideia de valor moral. A validade da ética, para Scheler, é independente da ordem empírica e indutiva, para que não acorramos em um relativismo na ética.

Os bens se incluem na causalidade das coisas reais, por isso, dependem das contingências do curso causal real das coisas. Kant e Scheler compartilham da opinião de que isso é um absurdo. A ética deve rejeitar as expressões “bons fins” ou “maus fins”, pois os fins não são bons ou maus independente dos valores do ato que os propõe. O “bem” e o “mal” não são abstraídos dos conteúdos empíricos dos fins. Kant crê que não só os bens e os fins, mas os valores materiais devem ser rejeitados por uma ética que indague pelos conceitos de “bem” e de “mal”. Kant prescinde das coisas boas reais na fundamentação da ética, mas também, crê que pode prescindir dos valores que se manifestam nos bens. Scheler ressalta a independência dos valores em relação aos bens, ele rejeita a posição kantiana da dependência dos valores em relação ao mundo dos bens. Os valores não fazem referência apenas a propriedades das coisas a que chamamos bens. Contudo, os valores nos são acessíveis sem que tenhamos que representá-los como sendo propriedades de coisas<sup>25</sup>. Os valores não são

---

<sup>23</sup> “Los bienes son por su esencia cosas valiosas”.

<sup>24</sup> “Así, pues, toda modificación en ese mundo de bienes modificaría también el sentido y la importancia de ‘bueno’ y ‘malo’”.

<sup>25</sup> Os valores se concretizam no mundo dos bens, onde se tornam materiais. “O valor que descansa em um depositário com o que constitui um ‘bem’ é

definíveis empiricamente, apesar de sua objetividade. Mas as palavras “bebe”, “encantador”, “atraente”, compreendem uma série de manifestações de valor. Basta uma ação ou uma única pessoa para apreender a essência dos valores aí presentes.

Scheler diz que sempre que se falar em “bons e justos” como em uma classe objetivamente definível, se cai em uma espécie de “farisaísmo”, na qual se confundem os possíveis depositários do “bem”. O “bem” não é propriedade exclusiva de um único homem, conforme crê o farisaísmo. Os fenômenos de valor são apreendidos intuitivamente. As suas relações e conexões como qualidades de valor, mais altas ou mais baixas, são apreendidas objetivamente numa ordem hierárquica, independente do mundo dos bens onde se manifestam. Os valores não são propriedades das coisas<sup>26</sup>, mas podem ser considerados como forças ou disposições presentes nas coisas que causam nos sujeitos cognoscentes dotados de sentimento, certos estados sentimentais. Os valores são sentidos claramente como fenômenos, mas são essências eternas objetivas organizadas hierarquicamente *a priori*, apreendidos através da esfera emocional humana na forma fenomenal dos atos intencionais de nossa vivência cotidiana<sup>27</sup>.

As qualidades valiosas não variam com as coisas. Os valores e sua ordem não são afetados pelas mudanças de seus depositários. Os valores são qualidades autênticas fenomênicas objetivas experimentados em nossos estados sentimentais. As

---

independente do depositário.” (FRONDIZI, 1968, p. 95). A matéria da ética consiste nos valores apreendidos no mundo concreto.

<sup>26</sup> Os valores para Scheler “são qualidades independentes dos bens.” (FRONDIZI, 1968, p. 97). Os valores são qualidades *a priori*, imutáveis e absolutas.

<sup>27</sup> As coisas são depositárias de valores, nelas eles se manifestam, se concretizam, mas não dependem delas. Há uma independência entre o ser dos valores e o ser das coisas e dos bens. “Os valores são independentes em seu ser de seus depositários.” (SCHELER, 2001, p. 63). Os objetos são mensageiros da natureza dos valores. Mas isto deve ser compreendido não numa forma egoísta desvinculada da realidade. Os valores, como essências eternas, estão à disposição de todos os que, intencionalmente, se dispõem a realizá-los em sua conduta. Na sua foram ideal, os valores atingem a todos, essa é a intenção de Scheler.



coisas são depositárias dessa significação valorativa apreendida nos modos particulares fenomênicos. Os bens manifestam os valores. “Cada ‘bem’ manifesta já uma pequena ‘hierarquia’ dos valores; as qualidades de valor que entram nele se acham diversamente matizados em sua essência sentimentalmente perceptível.”<sup>28</sup> (SCHELER, 2001, p. 66). Um exemplo disso seriam as obras de arte, que através das épocas da história, oferecem diversos aspectos de valor em função da capacidade interpretativa das “regras de preferência acerca dos valores estéticos elementares.”<sup>29</sup> (SCHELER, 2001, p. 66). Estes aspectos valiosos estão condicionados por sua natureza concreta de bem. Estes aspectos perceptíveis pelo sentimento só são apreendidos por nós quando nos voltamos a estes em nossos atos afetivos, assim é que apreendemos a totalidade valorativa presente nas coisas.

Os bens não estão fundamentados nas coisas, ao contrário, os bens representam “uma unidade ‘coisística’ de qualidades valiosas, ou de estados de valor, que se acha fundada em um determinado valor básico.”<sup>30</sup> (SCHELER, 2001, p. 67). Sendo assim, o bem é uma coisa de valor. No bem o valor se objetiva. Com os bens, aumentam os valores no mundo. Contudo, a formação do mundo dos bens vai guiada por uma hierarquia de valores. “Exemplo disso seria a formação da arte em uma época determinada.” (SCHELER, 2001, p. 69). A hierarquia de valores traz ao mundo dos bens uma margem de possibilidades, sendo que esta é condição de possibilidade para a formação dos bens. A hierarquia dos valores não é uma consequência dos bens, no entanto, “é uma hierarquia material, uma ordem de qualidades valiosas.”<sup>31</sup> (SCHELER, 2001, p. 69-70). A hierarquia “dominante” dos valores se manifesta em cada época da história da humanidade, e se encarna na cultura de

---

<sup>28</sup> “Cada ‘bien’ manifiesta ya una pequeña ‘jerarquía’ dos valores; las cualidades de valor que entran en él se hallan diversamente matizados en su esencia sentimentalmente perceptible”.

<sup>29</sup> “Reglas de preferencia acerca de los valores estéticos elementales”.

<sup>30</sup> “una unidad ‘cósica’ de cualidades valiosas, o de estados de valor, que se halla fundada en un determinado valor básico”.

<sup>31</sup> “Es una jerarquía material, un orden de cualidades valiosas”.

cada povo de acordo com as regras de preferência entre as qualidades valiosas que animam cada época determinada. “Chamamos tal sistema de regras, dentro da esfera dos valores estéticos, um ‘estilo’, e na esfera do prático o chamamos uma ‘moral’.”<sup>32</sup> (SCHELER, 2001, p. 70). Há uma hierarquia dos valores materiais, e esta é fundada na essência mesma dos valores, sendo que as coisas são suas depositárias de modo fortuito.

O valor de “bem” se manifesta na realização do valor mais alto da hierarquia dos valores. Contudo, é moralmente bom o ato realizador dos valores “perfeitos”, isto é, dos valores que estão no âmbito supremo da hierarquia valorativa. Segundo Scheler, “o valor ‘bom’ é aquele que vai vinculado ao ato que realiza um valor positivo, dentro do grau mais alto de valores.”<sup>33</sup> (SCHELER, 2001, p. 73). O valor “bom” se manifesta na realização dos valores positivos superiores, no “preferir”, no ato voluntário. Scheler adverte que fazer o “bem” por amor do bem mesmo, assim como ocorre com o dever kantiano, do “dever pelo dever”, leve a um farisaísmo. “Bom e mal são valores materiais.”<sup>34</sup> (SCHELER, 2001, p. 75). Estes não estão unidos ao ato mesmo da eleição, mas sim, ao ato do querer inteiramente imediato, sem uma eleição prévia. Kant não considera o bem e o mal como categorias de valores materiais, mas sim, como depositários no ato da vontade. Kant quer reduzir o valor de “bem” e de “mal” a legalidade de um ato. Para Kant, “o valor da pessoa se define unicamente pelo valor de sua vontade.”<sup>35</sup> (SCHELER, 2001, p. 76). Scheler rebate a tese kantiana afirmando que os valores morais não residem nos atos individuais da pessoa. Os valores morais são para Scheler, a direção do “poder” moral da pessoa. Esse poder se refere à realização do dever ideal. Ele precede a ideia de dever

---

<sup>32</sup> “Llamamos a tal sistema se reglas, dentro de la esfera de los valores estéticos, un ‘estilo’, y en la esfera de lo práctico lo llamamos una ‘moral’.”

<sup>33</sup> “El valor ‘bueno’ es aquel que va vinculado al acto que realiza un valor positivo, dentro del grado más alto de valores”.

<sup>34</sup> “Bueno y malo son valores materiales”.

<sup>35</sup> “El valor de la persona se define únicamente por el valor de su voluntad”.

imperativo, e não deve ser considerado como uma obrigação.

Os atos da pessoa são também considerados como portadores do “bom” e “mau”. O querer e o proceder também são depositários do “bom” e “mau”, sendo que o proceder é um depositário peculiar dos valores morais. “A pessoa existe exclusivamente na realização de seus atos.”<sup>36</sup> (SCHELER, 2001, p. 77). O conceito de bom não é deduzido de uma lei prática como crera Kant. O fim é uma tendência, uma direção dotada de identidade, uma direção de valor. É “um estar dirigido a um valor determinado, vivido em sua qualidade peculiar e inconfundível.”<sup>37</sup> (SCHELER, 2001, p. 83). O fim é ter disposição para algo, disposição esta sentimentalmente perceptível. O objetivo de uma tendência o é em virtude de um valor que este objetivo tem para a pessoa. O valor é o conteúdo imediato e objetivo de nosso tender a alguma coisa. O homem não é promotor do prazer como se fosse a lei fundamental de seu aspirar, e como se fosse esse o fim de sua ação. O homem não é indiferente ao valor. Se o prazer fosse o fim da ação humana como o objetivo de sua tendência, o homem cairia em um desvalor. A tendência do homem não é o prazer, o homem busca os valores. O homem vivencia os valores. A eles busca conhecer com intencionalidade. E esses valores “podemos muito bem perceber sentimentalmente.”<sup>38</sup> (SCHELER, 2001, p. 87). Mas acontece que os valores podem ser preferidos sem que haja uma tendência. O homem pode preferir tanto os valores positivos como os negativos. “Por este motivo é descartado que o valor seja tão somente uma incógnita de uma tendência ou uma contratendência.”<sup>39</sup> (SCHELER, 2001, p. 87). Toda tendência está fundada em uma percepção sentimental. Mas o preferir não constitui a superioridade do valor. A nossa

---

<sup>36</sup> “La persona existe exclusivamente en la realización de sus actos”.

<sup>37</sup> “Un estar dirigido a un valor determinado, vivido en su cualidade peculiar e inconfundible”.

<sup>38</sup> “Podemos muy bien percibir sentimentalmente”.

<sup>39</sup> “Por este motivo queda descartado que el valor sea tan sólo una incógnita de una tendencia o una contratendencia”.

percepção afetiva dos valores serve apenas para alegar quais dos valores é o mais alto.

Os valores não dependem dos fins, e nem se abstraem deles. Os valores já vão incluídos nos objetivos da nossa tendência, eles são o fundamento do nosso querer. “Uma ética material dos valores é por completo independente da experiência de objetos (e tanto mais da experiência do efeito que os objetos causam sobre o sujeito).”<sup>40</sup> (SCHELER, 2001, p. 92). Os valores são independentes do nosso querer. No tender a um fim, entra a experiência objetiva da qual apenas deslumbramos o mundo dos valores, não interferimos na sua ordem. Pois “uma ética material dos valores é *a priori* frente a todos os conteúdos de imagem da experiência.”<sup>41</sup> (SCHELER, 2001, p. 92). São os valores materiais que regem os conteúdos da experiência. As relações entre os conteúdos da experiência se tangem pelas relações entre os valores materiais. Os valores mais altos da hierarquia dos valores não dependem de nosso querer, eles são eternos, imutáveis. O nosso querer é bom na medida em que elege como objetivo, como fim almejado, o valor mais alto a ser radicado em ação. O nosso querer se rege pelo conhecimento da matéria valiosa dada na nossa experiência intencional. O valor moral mais autêntico depende das matérias valiosas mais elevadas no ordenamento objetivo e hierárquico do mundo dos valores. O valor moral, não depende de nossa conduta para existir, mas é nela que se realiza, é nela que se concretiza. É em nossas valorações que encontramos os valores na história, e assim, podemos conhecê-los.

#### 4 A Ética Scheleriana como Ética Material Axiológica

Scheler diz que há uma ética material dos valores objetiva graças à existência de uma hierarquia dos valores,

---

<sup>40</sup> “Una Ética material de los valores es por completo independiente de la experiencia de objetos (y tanto más de la experiencia del efecto que los objetos causan sobre el sujeto”.

<sup>41</sup> “Una Ética material de los valores es *a priori* frente a todos los contenidos de imagen de la experiencia”.

sendo assim possível a preferência entre os valores de bem e de mal em nossos atos intencionais. Essa ética material dos valores se fundamenta nos seguintes axiomas:

I.1. A existência de um valor positivo é, por sua vez, um valor positivo. 2. A não existência de um valor positivo é, por sua vez, um valor negativo. 3. A existência de um valor negativo é, por sua vez, um valor negativo. 4. A não existência de um valor negativo e, por sua vez, um valor positivo. II. 1. Na esfera da vontade, bem é o valor vinculado à realização de um valor positivo. 2. Na esfera da vontade, mal é o valor vinculado à realização de um valor negativo. 3. Na esfera da vontade, bem é o valor vinculado à realização de um valor mais alto (ou do mais alto). 4. Na esfera da vontade, mal é o valor vinculado à realização de um valor mais baixo (ou do mais baixo). III. Nesta esfera, o critério do “bem” (e o “mal”) consiste na coincidência (ou oposição) do valor intentado na realização com o valor que foi preferido, ou, respectivamente, na oposição (ou coincidência) ao valor que foi postergado<sup>42</sup>. (SCHELER, 2001, p. 74).

O fundamento para a ética não pode estar simplesmente no dever como categoria formal *a priori* da razão, o que levaria a uma ética imperativa, uma “ética do ressentimento”, que em nome do dever, bloqueia a plenitude e a alegria da vida. Scheler

---

<sup>42</sup> “I.1. La existencia de un valor positivo es, a su vez, un valor positivo. 2. La no existencia de un valor positivo es, a su vez, un valor negativo. 3. La existencia de un valor negativo es, a su vez, un valor negativo. 4. La no existencia de un valor negativo es, a su vez, un valor positivo. II.1. En la esfera de la voluntad, bueno es el valor vinculado a la realización de un valor positivo. 2. En la esfera de la voluntad, malo es el valor vinculado a la realización de un valor negativo. 3. En la esfera de la voluntad, bueno es el valor vinculado a la realización de un valor más alto (o del más alto). 4. En la esfera de la voluntad, malo es el valor vinculado a la realización de un valor más bajo (o del más bajo). III. En esta esfera, el criterio de lo ‘bueno’ (y lo ‘malo’) consiste en la coincidencia (u oposición) del valor intentado en la realización con el valor que ha sido preferido, o, respectivamente, en la oposición (o coincidencia) al valor que ha sido postergado”.

mostra que há outra ordem além do racional, como uma outra dimensão da pessoa, nesta dimensão, na dimensão do coração ou dos sentimentos não racionais, há ordem e sentido.

As categorias intuitivas cheias de sentido não se originam simplesmente de juízos da razão, estão mais ligadas ao puro ato do sentir e à vivência originária da vida, por isso mesmo, são muito mais capazes de mover inteiramente e afetivamente a vida e os atos da pessoa do que um juízo da razão. Sabemos que se pode ter total conhecimento claramente justificado pela razão sobre o que deve ser feito, e, no entanto, escolher não fazê-lo. Não se trata de excluir a razão deste processo, mas sim, mostrar que ela não atua sozinha em nossa relação com a realização de atos valorativos.

A ética deve fundar-se na experiência, pois é através dos atos intencionais humanos pelos quais se descobrem os valores, sendo que estes se dão na concretude histórico-social, que examinamos, avaliamos e teorizamos uma ética material dos valores a partir da sua conduta moral. A ética dos valores não é uma ética imperativa. A ética material dos valores de Max Scheler vem criticar a ética formal kantiana do dever. E se o dever-ser fosse somente a consciência de um “poder” superior – como outrora pensara Spinoza –, não existiria vontade, senão apenas capacidade. Não haveria também virtude, mas apenas habilidade para repetir o dever que está dado anteriormente, como um postulado sem cumprimento intuitivo, baseado unicamente no dever kantiano: “podes, posto que deves”.

Nesse sentido, Scheler diz que “é ‘meritório’ querer e fazer algo idealmente devido cujo conteúdo excede em valor ao conteúdo das ‘normas’ com validade geral.”<sup>43</sup> (SCHELER, 2001, p. 298). Há um progresso moral quando o indivíduo age moralmente em virtude tão somente dos valores sem precisar ser coagido para isso por uma ética imperativa, ou por meios coercitivos por parte da lei, sendo assim, permitido o que se deve fazer, e proibido, aquilo que não se deve fazer<sup>44</sup>. Ao

---

<sup>43</sup> “Es ‘meritorio’ querer y hacer algo idealmente debido cuyo contenido *excede* en valor al contenido de las ‘normas’ con validez general”.

<sup>44</sup> Para Vázquez, o progresso moral se mede, em primeiro lugar, pela  
114 Razão e Fé, Pelotas, 15(2): 77-120, Jul.-  
Dez./2013

contrário disso, Scheler fundamenta sua ética na intuição objetiva do valor.

Mas Scheler coloca sua ética na esfera do perceber sentimental dos valores. Nossa intencionalidade busca descobrir os valores no mundo real e concreto. O nosso tender está fundamentado na percepção sentimental de algum valor. É o que Scheler chama de motivação prática. Toda motivação é uma causalidade imediatamente vivida, sendo seu objetivo condicionado pela percepção sentimental do valor dentro do conteúdo da vivência. Esses elementos emocionais caracterizam a nossa tendência.

O ser humano dirige sua intenção de conhecer para aquilo que no mundo circundante intuiu imediatamente como um valor objetivo. A primeira intenção objetual se dirige ao valor. Somente depois isto vai se tornar um objeto de uma visão teorética. Há um primado dos atos emocionais básicos do espírito, os atos de amor e de ódio, frente aos demais atos, como os da razão teorética. É a partir desta atitude emocional ou sentimental do espírito que se tem acesso ao dado mais fundamental, o *a priori* material de toda possível objetivação, o valor e, a partir deste, a todo conteúdo inteligível. Toda nossa vida e condutas teorética e prática têm seu fundamento e sua última unidade nestes atos de vivência emocional do espírito. Também na ética a intuição emocional do valor tem um primado a toda generalização racional.

É característico do perceber sentimental, ou perceber emocional, ser um ato intencional do espírito, e possuir um objeto, matéria de sua intuição. O ato de perceber emocional, como ato intencional, está ligado à intuição de uma hierarquia material dos valores, a base da ética scheleriana.

---

ampliação da esfera moral com o aumento dos valores morais aí vigentes; em segundo lugar, pela elevação do caráter consciente e livre do comportamento dos indivíduos ou dos grupos sociais, com o conseqüente crescimento da responsabilidade dos mesmos; em terceiro lugar, pelo grau de articulação e de coordenação entre os interesses pessoais e os da coletividade; e em quarto lugar, pela dialética do permanente (mantêm-se os valores bons) e do transitório (negação radical de velhos valores e incorporação de novos valores e virtudes morais).

Quando falamos em um perceber emocional, o perceber é um ato intencional próprio do espírito, que tem uma objetividade e uma matéria intuitiva. O perceber é puro ato de intuição. O valor é imediatamente evidente somente para o ato do puro perceber do espírito, e não para a razão teórica. A essência pura do valor só é acessível à razão teórica reflexivamente, via redução fenomenológica, isto é, de modo mediato. Os atos emocionais intuem as essências de modo imediato. Os atos racionais só o fazem de modo mediato. O espírito tem participação imediata ao ser da essência valorativa via intuição emocional. Assim, primeiro intuimos o valor como evidente para o espírito, como auto-dado, imediatamente reconhecido como objeto de amor ou de ódio. Scheler procura abrir as portas da percepção do espírito a um pleno vivenciar de atos de intuição, numa visão mais ampla que os atos lógicos investigados por Husserl. Abre-se assim um mundo de objetos intuídos evidentemente por uma percepção consciente, sensível ou emocional.

Scheler faz uma crítica à ética formal por ser um personalista. Ele diz que “uma das pretensões fundamentais da ética formal, especialmente da kantiana, é que só ela confere a pessoa uma ‘dignidade’ superior a todo ‘preço’; em compensação, segundo essa mesma ética, toda ética material há de aniquilar a dignidade da pessoa e seu próprio valor, que de nada pode derivar-se.”<sup>45</sup> (SCHELER, 2001, p. 497). Contudo, Scheler afirma ser o formalismo na ética uma forma de alienação da pessoa ao imperativo do dever que cristaliza as suas ações a normas, não valorizando a pessoa pelos valores que ela mesma possui como portadora em excelência, e como conhecedora.

---

<sup>45</sup> “Una de las pretenciones fundamentales de la *Ética formal*, especialmente de la kantiana, es que sólo ella confiere a la persona una ‘*dignidad*’ superior a todo ‘*precio*’; en cambio, según esa misma *Ética*, toda *Ética* material ha de aniquilar la dignidad de la persona y su propio valor, que de nada puede derivarse”.



---

**Abstract:** *Max Scheler develops an ethical axiological material of emotionalist nature that is opposed to a purely formal, deontological and rational ethics as Kant's style. What Scheler's ethical quest is a moral objectivity that emerges from the materiality of life through emotional perception. Like all scientific knowledge, ethics must also from the phenomenological experience to be systematized. Scheler's gnosiology is based on the phenomenological emotional intuitions of the person. Emotional affective perception gives access to immediate and intuitive mode values. For Scheler, the human person is the basic reference that underlies all the concrete and intuitive acts essentially several, because only the person can "act intentionally" to "do", and thus to know intuitively values. The values are not mere formal abstractions, but realities that appear phenomenologically in the cosmos concreteness, a hierarchically objective and eternal order. Who knows and lives the values is the person. Scheler sees the person not as a doer of formal duties, but as the protagonist in the perception and experience of ethical values.*

**Keywords:** *Ethics Material; Formal Ethics; Values; Phenomenology of Perception; Ethical Emotionalism.*

---

## Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BIRCK, Bruno Odélio. *O sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P. *Compêndio de filosofia*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

COMBLIN, José. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985. (Coleção Teologia e Libertação; Série III: a libertação na história).

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia: história e grandes temas*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

DERISI, Octavio N. *Filosofia de la cultura y de los valores*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1963.

\_\_\_\_\_. *Max Scheler: ética material de los valores*. Madrid: Editorial Magisterio, 1979.

DULLIUS, Véra Fátima. Crise de paradigma do discurso moral. *Cadernos da FAFIMC*. Viamão: Evangraf, nº 19, janeiro/junho de 1998. p. 01-141.

EMPINOTTI, Moacyr Caetano. *Os valores a serviço da pessoa humana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

FRONDIZI, Risieri. *¿Qué son los valores?: Introducción a la axiología*. México: Fondo de cultura económica, 1968.

HESSEN, Johannes. *Filosofia dos valores*. Trad. e pref. L. Cabral de Moncada. 5. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1980. (Coleção Studium).

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JESUS, Luciano Marques de. *A questão de Deus na filosofia de Descartes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia – 49).

JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. Trad. Fausto Guimarães.

Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

KONINGS, Johan; ZILLES, Urbano (org.). *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

LIBANIO, João Batista. *Introdução à vida intelectual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENDES, Vitor Hugo. Inteligência da fé em um contexto pós-metafísico: apontamentos para uma nova sensibilidade teológica. *Teocomunicação: uma criteriologia teológica*. Revista trimestral, v. 35, nº 148, Porto Alegre: EDIPUCRS, junho de 2005. p. 177-356.

MENDONÇA, Eduardo Prado. *O mundo precisa de filosofia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

MÜLLER, Rudinei. A filosofia e o sentido do humano. *Cadernos da FAFIMC*. Viamão: Evangraf, nº 23, janeiro/junho de 2000. p. 01-99.

PEGORARO, Olinto A. *Ética e bioética: da subsistência à existência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (Org.). *Deus na filosofia do século XX*. 3. ed. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 2002.

RABUSKE, Edivino Aloísio. O homem na pós-modernidade. IN: *Cadernos da FAFIMC*. Viamão: Evangraf, nº 17,

janeiro/junho de 1997. p. 01-119.

ROITMAN, Ari (Org.). *O desafio ético*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da reviravolta dos valores*. Trad. Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Traducción de Hilário Rodríguez Sanz. Introducción y edición de Juan Miguel Palácios. Madrid: Caparrós Editores, 2001. (Colección Espirit).

\_\_\_\_\_. *Modelos e líderes*. Curitiba: Champagnat, 1998.

SELVAGGI, Filippo. *Filosofia do mundo: cosmologia filosófica*. 2. ed. Trad. Alexander A. Macintyre. São Paulo: Loyola, 1988. (Coleção Filosofia – 9).

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. *Conversando sobre ética e sociedade*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STREFLING, Sérgio Ricardo. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia – 2).

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Trad. Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.

ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ZUCAL, Silvano (org.). *Cristo na filosofia contemporânea: Volume II: O século XX*. São Paulo: Paulus, 2006.